

Quem me dera
a quimera ser presente
no espelho que reflete a fera
sorri o seu desdém dos dentes
os caninos afiados sorridentes
são belos seus cabelos fios de prata de seu cérebro
a fera é um sonho refletido, a fera é um vestígio do sono

Então não existe, de fato, a fera
quem me dera
ser eu em maquiagem o que sou, em carruagem nuvem insípida
quem me dera ser na vida o que sou em sonho
que os fios de prata de meu cérebro que por hora abandono
as roupas que me rasgam o peito, camufladas
nas vontades dos homens, frágeis homens
quero ser criança e mais nada
abrindo os fios de prata um a um
recolhendo as flechas manchadas
soprando nos ventrículos como um ventrículo de emoções

eu não sou mais nada
que não fora desde sempre
como está na pequena semente
a árvore frondosa imensa

eu não sou mais nada a não ser o que se pensa
quem me dera
ser de imediato a fera amansada
quem me dera
ver-me em espelho refletido e aceitar-me
quem me dera amansar-me
com sopros de amor
sopros de cura, ajuda mansa e cafuné nos cabelos
pra sempre canções de acalanto
calando fundo as dores agudas
criando poemas sem sentido
sem encomenda
e que não sejam lidos
que sejam isto
sulcos, vãos
canions
por onde no futuro correrão saudáveis águas
a vida fluída por entre as cicatrizes da terra
minhas rugas como canions na fera
por onde lágrimas saudáveis escorrem
quem me dera.